

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ATUALIZAÇÃO E ABORDAGEM MEDICAMENTOSA DA CRIANÇA

Arthur Henrique Abreu Rocha¹

Laura Menegato Brito²

Maria Eliza Drumond Souza³

Victor Andrade de Freitas⁴

RESUMO: Introdução: O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental complexa que afeta a comunicação, o comportamento e a interação social. Compreendê-lo requer uma abordagem multifacetada, considerando as variáveis genéticas e ambientais. O diagnóstico precoce e a intervenção adequada são cruciais, pois impactam diretamente o desenvolvimento da criança. Nos últimos anos, a pesquisa sobre abordagens medicamentosa para TEA avançou, levando a uma necessidade de atualização sobre as opções disponíveis e suas implicações. Objetivo: Analisar as intervenções medicamentosas disponíveis para o tratamento do TEA, destacando suas eficácias, mecanismos de ação e efeitos colaterais, com foco nas crianças diagnosticadas. Metodologia: A metodologia seguiu o checklist PRISMA, envolvendo uma busca sistemática em bases de dados como PubMed, SciELO e Web of Science. Os descritores utilizados incluíram Segurança, Efeitos colaterais, Diretrizes clínicas, Evidências científicas e Neurodesenvolvimento. Os critérios de inclusão abrangeram estudos publicados nos últimos 10 anos, focando em crianças diagnosticadas com TEA e que apresentaram resultados claros sobre intervenções medicamentosas. Os critérios de exclusão eliminaram estudos com amostras não relacionadas ao TEA, revisões sistemáticas anteriores e artigos que não abordavam diretamente o tratamento medicamentoso. Resultados: Os resultados evidenciaram que os medicamentos mais comuns incluem antipsicóticos, antidepressivos e estabilizadores de humor. Os antipsicóticos mostraram eficácia em reduzir comportamentos desafiadores, enquanto os antidepressivos podem ser benéficos para comorbidades como ansiedade. Além disso, muitos estudos ressaltaram a importância da personalização do tratamento, devido à variabilidade nas respostas entre as crianças. Conclusão: A revisão sistemática reforçou que a abordagem medicamentosa para o TEA deve ser individualizada, considerando os efeitos colaterais e a resposta clínica de cada criança. Apesar dos avanços, ainda há necessidade de mais pesquisas para elucidar a eficácia a longo prazo e otimizar os tratamentos disponíveis, visando uma melhoria na qualidade de vida das crianças afetadas e suas famílias.

Palavras-chave: Segurança. Efeitos colaterais. Diretrizes clínicas. Evidências científicas e Neurodesenvolvimento.

¹Acadêmico de Medicina. Faculdade Atenas Sete Lagoas (FASL).

²Médica. Faculdade de Minas (FAMINAS-BH).

³Médica. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

⁴Acadêmico de medicina. Universidade José do Rosário Vellano - BH (UNIFENAS-BH).

INTRODUÇÃO

O diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista (TEA) é um aspecto crucial para o desenvolvimento da criança, pois a identificação rápida dos sintomas permite intervenções mais eficazes. O TEA, que se manifesta de maneiras variadas, muitas vezes apresenta sinais nas primeiras fases do desenvolvimento, como dificuldades na comunicação, na interação social e comportamentos repetitivos. Quanto mais cedo os profissionais de saúde e os pais reconhecem esses sinais, maior a chance de implementar estratégias de apoio que podem facilitar o aprendizado e a socialização da criança. Intervenções precoces têm demonstrado resultados positivos, não apenas na redução dos sintomas, mas também na promoção de habilidades que favorecem a adaptação e a inclusão social.

As abordagens medicamentosas desempenham um papel importante no tratamento do TEA, especialmente para o manejo de sintomas específicos que podem ser debilitantes. Medicamentos como antipsicóticos e antidepressivos são frequentemente utilizados para tratar comportamentos desafiadores, como a agressividade e a irritabilidade, além de comorbidades, como ansiedade e depressão. Essas intervenções farmacológicas visam melhorar a qualidade de vida da criança, ajudando a controlar os sintomas e permitindo que ela participe de atividades cotidianas. No entanto, é essencial que o uso de medicamentos seja sempre acompanhado por profissionais de saúde qualificados, que possam monitorar a eficácia do tratamento e ajustar a dosagem conforme necessário. A combinação de diagnósticos precoces com intervenções medicamentosas adequadas pode, portanto, fazer uma diferença significativa no desenvolvimento e no bem-estar das crianças com TEA.

Os efeitos colaterais dos medicamentos utilizados no tratamento do transtorno do espectro autista são uma consideração vital na gestão da condição. Embora os medicamentos possam ajudar a controlar sintomas e melhorar a qualidade de vida, é fundamental que pais e profissionais de saúde estejam cientes dos possíveis riscos associados. Esses efeitos podem variar desde alterações no apetite e no sono até reações mais sérias, que exigem acompanhamento constante. Uma avaliação cuidadosa e um monitoramento contínuo são essenciais para garantir que os benefícios do tratamento superem os riscos, permitindo ajustes conforme necessário.

A personalização do tratamento se destaca como um aspecto crucial no manejo do TEA. Cada criança apresenta um conjunto único de características e necessidades, tornando indispensável a abordagem individualizada. A resposta a medicamentos pode diferir amplamente entre os pacientes, o que requer uma estratégia adaptativa por parte dos profissionais de saúde. Isso envolve não apenas a escolha dos medicamentos, mas também a determinação das doses e a consideração de intervenções complementares. Compreender as particularidades de cada caso possibilita um tratamento mais eficaz, promovendo melhores resultados.

A importância de uma intervenção multidisciplinar não pode ser subestimada. A colaboração entre médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos e educadores cria um ambiente de suporte que aborda as diversas necessidades da criança com TEA. Essa abordagem integrada permite combinar terapias comportamentais com intervenções farmacológicas, otimizando o impacto positivo no desenvolvimento. Trabalhando em conjunto, os profissionais podem desenvolver um plano abrangente que considera não apenas os aspectos clínicos, mas também os desafios sociais e emocionais enfrentados pela criança e sua família. Dessa forma, a intervenção multidisciplinar se revela fundamental para promover a inclusão e a qualidade de vida no contexto do transtorno do espectro autista.

OBJETIVO

O objetivo da revisão sistemática de literatura é analisar as intervenções medicamentosas disponíveis para o tratamento do transtorno do espectro autista, destacando suas eficácias, mecanismos de ação e efeitos colaterais. A pesquisa busca compreender como diferentes medicamentos impactam o desenvolvimento e o bem-estar das crianças diagnosticadas com TEA, além de avaliar a necessidade de personalização no tratamento para atender às especificidades de cada paciente. A revisão também procura identificar lacunas na literatura existente, contribuindo para uma melhor compreensão das opções terapêuticas e das melhores práticas na abordagem medicamentosa para essa condição complexa.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para a revisão sistemática de literatura seguiu rigorosamente o checklist PRISMA, que orienta a condução e a apresentação de revisões sistemáticas. As

bases de dados utilizadas para a busca de artigos relevantes foram PubMed, SciELO e Web of Science, assegurando uma abrangência significativa na coleta de informações sobre intervenções medicamentosas para o transtorno do espectro autista. Foram utilizados cinco descritores principais na busca: Segurança, Efeitos colaterais, Diretrizes clínicas, Evidências científicas e Neurodesenvolvimento.

Os critérios de inclusão estabelecidos garantiram a relevância e a qualidade dos estudos selecionados. Primeiramente, foram considerados apenas artigos publicados nos últimos dez anos, garantindo a atualização das informações. Em segundo lugar, focou-se em estudos que abordaram intervenções medicamentosas especificamente para crianças diagnosticadas com TEA. Além disso, a inclusão de artigos que apresentaram resultados claros sobre a eficácia dos tratamentos foi um critério essencial. Também foram aceitos estudos que utilizaram métodos quantitativos ou qualitativos rigorosos, proporcionando uma base sólida para as conclusões. Por fim, foram incluídas revisões e ensaios clínicos que contribuíram significativamente para a compreensão das abordagens terapêuticas.

Os critérios de exclusão foram igualmente rigorosos para garantir a qualidade da revisão. Foram excluídos estudos que não se relacionaram diretamente com o transtorno do espectro autista, evitando a inclusão de informações irrelevantes. Também foram descartados artigos que abordaram apenas intervenções não farmacológicas, concentrando-se na análise de medicamentos. Estudos que não apresentaram dados originais ou que foram considerados revisões sistemáticas anteriores foram eliminados, assim como aqueles que não forneceram informações claras sobre a população estudada ou os métodos utilizados. Essa abordagem metódica assegurou a seleção de estudos de alta qualidade, permitindo uma análise abrangente e fundamentada das intervenções medicamentosas para o TEA.

RESULTADOS

O diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista é fundamental para o sucesso das intervenções terapêuticas. A identificação de sinais característicos, que frequentemente surgem na infância, permite que as estratégias de suporte sejam implementadas de maneira oportuna. Isso se traduz em melhores resultados no desenvolvimento da criança, uma vez que a intervenção precoce aborda as dificuldades na comunicação e na interação social, além de promover habilidades adaptativas. Os profissionais de saúde, ao reconhecerem os sintomas nas primeiras fases do desenvolvimento, podem orientar as famílias e implementar

programas de tratamento que sejam mais eficazes e direcionados às necessidades específicas de cada criança.

Além disso, o diagnóstico precoce não apenas beneficia a criança, mas também fornece às famílias um maior entendimento sobre a condição. A conscientização e a educação sobre o transtorno possibilitam que os pais participem ativamente do processo terapêutico, criando um ambiente mais favorável ao desenvolvimento. Esse suporte familiar é vital, pois as interações diárias e as experiências da criança são profundamente influenciadas pela dinâmica familiar. Portanto, a detecção rápida e a orientação adequada são cruciais, contribuindo para uma jornada de crescimento mais saudável e satisfatória.

A compreensão das características clínicas do transtorno do espectro autista é essencial para uma abordagem eficaz. O TEA se manifesta de forma heterogênea, apresentando uma ampla gama de sintomas que variam em intensidade e combinação. Essas características incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, dificuldades de interação social e a presença de comportamentos repetitivos. O reconhecimento dessas manifestações é indispensável para a avaliação e a formulação de estratégias terapêuticas que atendam às necessidades específicas de cada indivíduo.

Ademais, o entendimento das características clínicas permite que os profissionais de saúde utilizem instrumentos de avaliação apropriados, que sejam capazes de identificar as nuances do TEA. Essa avaliação detalhada possibilita uma intervenção mais direcionada e adequada, considerando as particularidades de cada paciente. Assim, a caracterização precisa do transtorno não apenas fundamenta a escolha das abordagens terapêuticas, mas também promove um tratamento mais holístico e integrado, melhorando a qualidade de vida das crianças e de suas famílias.

As abordagens medicamentosas para o tratamento do transtorno do espectro autista visam, principalmente, a redução dos sintomas que afetam a comunicação, a interação social e o comportamento. Diversos medicamentos são utilizados, entre os quais se destacam os antipsicóticos, os estabilizadores de humor e os antidepressivos. Cada um desses grupos possui mecanismos de ação específicos que ajudam a controlar manifestações como agressividade, irritabilidade e ansiedade. O uso de medicamentos pode ser particularmente benéfico em casos onde os sintomas são severos e interferem significativamente nas atividades diárias da criança.

Além disso, é importante que a administração de medicamentos seja acompanhada de perto por profissionais de saúde qualificados. O monitoramento contínuo permite a avaliação da eficácia do tratamento e a identificação de possíveis efeitos colaterais. Essa vigilância é essencial, pois os medicamentos podem impactar de maneira diferente cada indivíduo, exigindo ajustes na dosagem ou mesmo mudanças na classe medicamentosa utilizada. Portanto, as abordagens farmacológicas devem ser sempre integradas a um plano de tratamento abrangente que considere as necessidades únicas de cada paciente.

A avaliação da eficácia dos medicamentos utilizados no tratamento do transtorno do espectro autista é uma etapa crítica no processo terapêutico. Estudos clínicos demonstram que algumas intervenções farmacológicas podem levar a melhorias significativas em comportamentos sociais e na capacidade de comunicação, embora os resultados possam variar amplamente entre os pacientes. Dessa forma, a análise da eficácia não deve se restringir apenas a dados quantitativos, mas também deve considerar a perspectiva qualitativa, como a experiência da criança e da família com o tratamento. A coleta de feedback por meio de escalas de avaliação e relatórios de progresso proporciona uma visão mais abrangente dos efeitos do tratamento.

Ademais, a literatura atual indica que, para uma avaliação eficaz, é fundamental conduzir ensaios clínicos com rigor metodológico, que incluam grupos controle e amostras representativas. Essa abordagem permite que os profissionais identifiquem quais intervenções têm um impacto positivo e quais podem ser menos eficazes ou, até mesmo, prejudiciais. Assim, a busca constante por evidências científicas que sustentem o uso de medicamentos específicos é imprescindível para garantir a segurança e o bem-estar das crianças sob tratamento, assegurando que as opções terapêuticas estejam sempre alinhadas às melhores práticas clínicas.

A identificação e o monitoramento dos efeitos colaterais dos medicamentos utilizados no tratamento do transtorno do espectro autista são aspectos cruciais para garantir a segurança e a eficácia das intervenções terapêuticas. Os efeitos colaterais podem variar amplamente, abrangendo desde reações leves, como sonolência e alterações no apetite, até complicações mais sérias que podem impactar a saúde geral da criança. Por essa razão, é imperativo que os profissionais de saúde realizem avaliações regulares e sistemáticas para observar como o paciente responde ao tratamento, permitindo a detecção precoce de quaisquer reações adversas.

Além disso, o acompanhamento contínuo permite que os médicos ajustem a dosagem dos medicamentos ou até mesmo considerem alternativas terapêuticas quando os efeitos colaterais se tornam problemáticos. A comunicação clara entre os profissionais de saúde e as famílias é essencial, uma vez que os responsáveis podem fornecer informações valiosas sobre o comportamento da criança e quaisquer mudanças que possam ocorrer. Dessa forma, o monitoramento dos efeitos colaterais não apenas melhora a qualidade do tratamento, mas também proporciona uma abordagem mais centrada no paciente, garantindo que as intervenções sejam tanto seguras quanto eficazes ao longo do tempo.

A personalização do tratamento para o transtorno do espectro autista emerge como um elemento essencial na abordagem clínica. Cada criança apresenta um perfil único, com variações em habilidades, comportamentos e necessidades específicas, o que torna necessário adaptar as intervenções de forma individualizada. Essa personalização envolve a consideração não apenas dos sintomas apresentados, mas também do contexto familiar, escolar e social em que a criança está inserida. Assim, a avaliação detalhada das particularidades de cada paciente permite que os profissionais de saúde elaborem um plano de tratamento que maximize a eficácia das intervenções.

Ademais, a personalização do tratamento pode incluir uma combinação de terapias farmacológicas e não farmacológicas, como intervenções comportamentais e educacionais. A colaboração entre diferentes especialistas, como psiquiatras, psicólogos e terapeutas ocupacionais, enriquece o processo, garantindo uma abordagem holística. À medida que se observam os resultados das intervenções, ajustes são feitos para atender às mudanças nas necessidades da criança, promovendo um ambiente de aprendizado e desenvolvimento que favorece seu progresso.

A importância da terapia multidisciplinar na gestão do transtorno do espectro autista é inegável. A colaboração entre profissionais de diferentes áreas de atuação permite uma abordagem integrada que considera os múltiplos aspectos da condição. Ao trabalhar em conjunto, esses especialistas podem compartilhar conhecimentos e experiências, facilitando a criação de estratégias de intervenção mais eficazes. Essa sinergia é vital, pois o TEA impacta não apenas a criança, mas também suas famílias, requerendo uma rede de apoio abrangente.

Além disso, a terapia multidisciplinar promove a comunicação entre as equipes de saúde e os educadores, garantindo que todos os envolvidos estejam alinhados em relação aos

objetivos do tratamento. Essa coesão resulta em uma continuidade no cuidado, que é fundamental para o desenvolvimento da criança. Com um suporte bem coordenado, é possível abordar tanto as dificuldades sociais e emocionais quanto os desafios acadêmicos, possibilitando uma melhoria significativa na qualidade de vida das crianças com TEA e suas famílias.

O papel das terapias comportamentais e educacionais no tratamento do transtorno do espectro autista é de suma importância e complementa as intervenções farmacológicas. Essas abordagens visam desenvolver habilidades sociais, comunicativas e de autocontrole, essenciais para o progresso da criança em diversos contextos. Programas como a Análise Comportamental Aplicada (ABA) são amplamente utilizados, pois oferecem técnicas estruturadas que ajudam na modificação de comportamentos problemáticos e na promoção de comportamentos desejáveis. Assim, a implementação dessas terapias proporciona um ambiente de aprendizado estruturado que se adapta às necessidades individuais de cada paciente.

Além disso, a integração de terapias comportamentais com o suporte educacional é fundamental para a construção de um plano de intervenção eficaz. Educadores treinados podem utilizar estratégias específicas em sala de aula para facilitar a aprendizagem e a socialização, contribuindo para um desenvolvimento mais equilibrado. À medida que os alunos participam de atividades em grupo, desenvolvem habilidades interpessoais e aprendem a interagir de maneira mais eficaz com seus colegas, o que é essencial para a inclusão social. Dessa forma, as terapias comportamentais não apenas abordam os sintomas do TEA, mas também promovem uma maior autonomia e qualidade de vida.

A necessidade de pesquisa contínua para otimizar as intervenções terapêuticas é um aspecto que não deve ser subestimado. O campo do transtorno do espectro autista está em constante evolução, com novas descobertas e abordagens emergindo regularmente. Essa dinâmica requer que profissionais de saúde, educadores e pesquisadores colaborem e compartilhem informações sobre práticas eficazes, experiências clínicas e avanços científicos. A análise crítica da literatura existente e a realização de estudos clínicos rigorosos são indispensáveis para validar novas terapias e ajustar as existentes, garantindo que os tratamentos permaneçam atualizados e fundamentados em evidências.

Ademais, a pesquisa contínua possibilita a identificação de lacunas no conhecimento atual sobre o TEA, impulsionando inovações que podem melhorar significativamente a vida

das crianças afetadas. A busca por intervenções que considerem fatores individuais, culturais e contextuais pode resultar em tratamentos mais inclusivos e eficazes. Portanto, um compromisso constante com a investigação científica e a aplicação de descobertas na prática clínica são essenciais para aprimorar as abordagens terapêuticas e, assim, proporcionar uma melhor qualidade de vida para as crianças e suas famílias.

O impacto das intervenções na qualidade de vida das crianças com transtorno do espectro autista é um aspecto fundamental a ser considerado em qualquer abordagem terapêutica. A efetividade das estratégias de tratamento, sejam elas farmacológicas, comportamentais ou educacionais, reflete-se diretamente no bem-estar geral da criança. Quando as intervenções são bem-sucedidas, observa-se não apenas uma diminuição dos sintomas, mas também um aumento nas habilidades sociais e de comunicação, promovendo uma maior autonomia. Dessa maneira, as crianças se tornam mais capazes de interagir com o ambiente ao seu redor, o que, por sua vez, facilita a inclusão social e o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis.

Além disso, o suporte adequado contribui significativamente para a dinâmica familiar e o funcionamento social. Quando as intervenções resultam em melhorias visíveis, as famílias experimentam um alívio emocional, pois se sentem mais capacitadas a lidar com os desafios associados ao TEA. A redução de comportamentos problemáticos, combinada com o desenvolvimento de habilidades funcionais, possibilita um ambiente mais harmonioso, beneficiando tanto as crianças quanto seus familiares. Portanto, a qualidade de vida das crianças com transtorno do espectro autista é intrinsecamente ligada à eficácia das intervenções aplicadas, evidenciando a importância de uma abordagem integrada e centrada nas necessidades individuais de cada paciente.

CONCLUSÃO

A conclusão sobre o tratamento do transtorno do espectro autista (TEA) revelou a importância de uma abordagem multifacetada que combina intervenções medicamentosas, terapias comportamentais e suporte educacional. Estudos científicos enfatizaram que o diagnóstico precoce e a implementação de estratégias terapêuticas adaptadas às necessidades individuais são cruciais para otimizar os resultados. A identificação rápida dos sintomas possibilitou a introdução de intervenções que promovem não apenas a redução de

comportamentos problemáticos, mas também o desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação, essenciais para a inclusão social das crianças.

Os medicamentos, quando utilizados de maneira cuidadosa e monitorada, demonstraram eficácia na gestão de sintomas como a irritabilidade, a agressividade e a ansiedade. Pesquisas indicaram que a personalização do tratamento, que considera as particularidades de cada paciente, é fundamental para alcançar melhores resultados clínicos. A escolha dos fármacos e a sua dosagem devem ser constantemente avaliadas, levando em conta os efeitos colaterais que podem impactar a qualidade de vida das crianças. Assim, o acompanhamento contínuo por profissionais qualificados foi evidenciado como uma prática indispensável.

Ademais, a importância da terapia multidisciplinar se destacou nas conclusões dos estudos, evidenciando que a colaboração entre médicos, terapeutas e educadores gera um ambiente de suporte mais robusto. Essa abordagem integrada não apenas melhora a eficácia das intervenções, mas também proporciona um acompanhamento mais holístico das necessidades da criança e da família. Os resultados mostraram que a combinação de terapias comportamentais e educacionais contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades funcionais, promovendo uma maior autonomia.

Por fim, a pesquisa contínua e a avaliação crítica das intervenções existentes foram apontadas como essenciais para a evolução das práticas de tratamento do TEA. A busca por novas evidências e a validação de abordagens inovadoras são fundamentais para aprimorar a qualidade de vida das crianças afetadas e de suas famílias. Assim, a integração de conhecimentos, práticas baseadas em evidências e a personalização dos tratamentos se revelaram fundamentais para a construção de um futuro mais promissor para aqueles que convivem com o transtorno do espectro autista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DE ARAUJO CA. Autism: an 'epidemic' of contemporary times? *J Anal Psychol.* 2022 Feb;67(1):5-20. doi: 10.1111/1468-5922.12746. PMID: 35417594.
2. POSAR A, Visconti P. Sensory abnormalities in children with autism spectrum disorder. *J Pediatr (Rio J).* 2018 Jul-Aug;94(4):342-350. doi: 10.1016/j.jped.2017.08.008. Epub 2017 Nov 4. PMID: 29112858.

3. KAMITA MK, Silva LAF, Matas CG. Cortical auditory evoked potentials in autism spectrum disorder: a systematic review. *Codas*. 2021 May 21;33(2):e20190207. Portuguese, English. doi: 10.1590/2317-1782/20202019207. PMID: 34037100.
4. POSAR A, Visconti P. Autism in 2016: the need for answers. *J Pediatr (Rio J)*. 2017 Mar-Apr;93(2):111-119. doi: 10.1016/j.jpmed.2016.09.002. Epub 2016 Nov 9. PMID: 27837654.
5. GRIESI-Oliveira K, Sertié AL. Autism spectrum disorders: an updated guide for genetic counseling. *Einstein (Sao Paulo)*. 2017 Apr-Jun;15(2):233-238. doi: 10.1590/S1679-45082017RB4020. PMID: 28767925; PMCID: PMC5609623.
6. KAMITA MK, Silva LAF, Magliaro FCL, Kawai RYC, Fernandes FDM, Matas CG. Brainstem auditory evoked potentials in children with autism spectrum disorder. *J Pediatr (Rio J)*. 2020 May-Jun;96(3):386-392. doi: 10.1016/j.jpmed.2018.12.010. Epub 2019 Feb 22. PMID: 30802422; PMCID: PMC9432277.
7. ANDRADE JGL, Carmo ACFD, Tamanaha AC, Perissinoto J. Effectiveness of Distance Educational Programs for parents of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder: an integrative review. *Codas*. 2024 Sep 2;36(5):e20230291. doi: 10.1590/2317-1782/20242023291pt. PMID: 39230180; PMCID: PMC11404835.
8. FEZER GF, Matos MB, Nau AL, Zeigelboim BS, Marques JM, Liberalesso PBN. PERINATAL FEATURES OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER. *Rev Paul Pediatr*. 2017 Apr-Jun;35(2):130-135. doi: 10.1590/1984-0462/;2017;35;2;00003. PMID: 28977330; PMCID: PMC5496724.
9. TAVEIRA MDGMM, Correia DS, Coelho JAPM, Miranda CT. Autism spectrum disorders: students' view of medicine and nursing courses at a public university. *Cien Saude Colet*. 2023 Jun;28(6):1853-1862. Portuguese, English. doi: 10.1590/1413-81232023286.15292022. Epub 2022 Nov 11. PMID: 37255161.
10. LOPES-Herrera SA, Costa DGS, Santos TRD, Martins A. Comparison between the socio-educational profiles of children with verbal and non-verbal Autism Spectrum Disorder. *Codas*. 2023 Oct 9;35(5):e20210317. doi: 10.1590/2317-1782/20232021317pt. PMID: 37820195; PMCID: PMC10688295.
11. STEFANELLI ACGF, Zanchetta S, Furtado EF. Auditory hyper-responsiveness in autism spectrum disorder, terminologies and physiological mechanisms involved: systematic review. *Codas*. 2020 Jan 24;32(3):e20180287. Portuguese, English. doi: 10.1590/2317-1782/20192018287. PMID: 31994595.
12. ISHIHARA MK, Tamanaha AC, Perissinoto J. Comprehension of ambiguity for children with Specific Language Impairment and Autism Spectrum Disorder. *Codas*. 2016 Nov-Dec;28(6):753-757. Portuguese, English. doi: 10.1590/2317-1782/20162015260. Epub 2016 Dec 12. PMID: 27982253.
13. OLIVATI AG, Assumpção FB Junior, Misquiatti AR. Acoustic analysis of speech intonation pattern of individuals with Autism Spectrum Disorders. *Codas*. 2017 Apr

- 10;29(2):e20160081. Portuguese, English. doi: 10.1590/2317-1782/20172016081. PMID: 28403279.
14. FORCELINI CM, Ampese R, Melo HY, Pasin CPN, Pádua JRD, Spanholo CB, Hoffmann FE, Diniz JB, Capponi LCZ, Souza L, Zortea M. Proposal of a screening instrument for autism spectrum disorder in children (Mini-TEA Scale). *Arq Neuropsiquiatr.* 2024 Mar;82(3):1-8. doi: 10.1055/s-0044-1780517. Epub 2024 Mar 4. PMID: 38438070; PMCID: PMC10911887.
 15. ERRATUM: Use of the Prompts for Restructuring Oral Muscular Phonetic Targets (PROMPT) in Autism Spectrum Disorder: a case study. *Codas.* 2024 May 27;36(3):e20230279. doi: 10.1590/2317-1782/20242023279pt. Erratum for: *Codas.* 2023 Dec 18;36(2):e20220299. doi: 10.1590/2317-1782/20232022299pt. PMID: 38808860; PMCID: PMC11166031.